

## PERCURSOS

### MESTRE SAÚBA, O INVENTOR DE SI MESMO

#### Chico Simões<sup>1</sup>

... mamulengo é que nem estar dentro do Catimbó,  
você olha pro boneco e ele já está inspirado  
pra fazer qualquer coisa.  
Saúba

*Encontrar Saúba em Carpina não é fácil, uma vez encontrado, o bom é se deixar levar por ele; lugares, pessoas, pensamentos, histórias e criações, bonecos fantásticos que desafiam as leis e as ordens, inclusive as leis da física e a ordem natural das coisas. Quando não está namorando com mulheres de carne e osso, dorme com Dona Lindalva, uma boneca de Mulungu, tamanho natural com quem se apresenta dançando há mais de vinte anos.*

*Dona Lindalva é a única criação que Saúba não vende por dinheiro algum, diz que tem mais ciúmes dela do que da namorada. Ele subverte o mundo para viver nele da sua maneira, desde criança esse “menino formiga” revoluciona a vida, não por consciência política nem nada, puro instinto de sobrevivência, pois para ele a vida só vale a pena se a brincadeira for levada a sério. Eu diria que Saúba é um milagre, seus bonecos são “engonços” nascidos das observações e subversões dos movimentos mecânicos e sociais, sim, porque também esse trabalho de engenharia está carregado*

*de impressões críticas sobre as relações sociais, o boneco do monociclo é o “Zé Matuto Foi a Praia”. Três homens fazem sexo montados em uma pistola e se movimentam quando o gatilho é acionado, as casas de farinha além de fazerem farinha, denunciam o trabalho escravo, a luta cangaceira e cruel do bando de Lampião ou recriam um animado forró “pé de serra”.*

*Saúba é absurdo lógico, pura criatividade, sensível se embriaga e chora as dores do mundo, mas também ri de alegria com as boas notícias e as lembranças dos muitos encontros com amigos bonequeiros de todo o mundo amealhados pelas viagens e festivais dos quais volta e meia participa. Trabalha continuamente, independente das condições que a estrutura social oferece, sabe-se artista popular. É “um sim numa sala negativa”. Severino, Saúba emigra todo dia de São Saruê ao Brasil, vem trazer o segredo do fogo com o qual forjamos o novo brinquedo cada vez mais resistente às intempéries da pós-modernidade que nos impõe dia-a-dia o uso de tecnologias prometendo nos libertar. Mas na verdade nos aprisiona, retirando de nós exatamente o que promete. Saúba está fora, tentei “enquadrar” Saúba escrevendo uma matéria sobre “construtores de bonecos”, mas Saúba escapa aos cânones das perguntas comuns sobre seu ofício; materiais de trabalho, oficina, ferramentas, clientes, rendimentos, economia e etc... Então deixei Saúba conduzir a prosa. Ouçamos Saúba.<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Mamulengueiro, brincante, palhaço e ativista fundador do Mamulengo Presepada. Estudioso do Teatro de Bonecos Popular do Brasil, atua desde 1981. Seu espetáculo *O Romance do Vaqueiro Benedito*, um clássico do teatro de bonecos brasileiro, já circulou por 25 países encantando as mais diversas plateias. Site: [www.mamulengopresepada.com.br](http://www.mamulengopresepada.com.br)  
E-mail: [chicosimoes@gmail.com](mailto:chicosimoes@gmail.com)

<sup>2</sup> O texto que segue é constituído por trechos dos Recortes Temáticos das entrevistas feitas com Saúba durante pesquisa para o reconhecimento do Mamulengo como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e outras prosas.



Mestre Saúba - PE. Foto: Dudu Schnaider (gentilmente cedida pela coordenação do Festival Sesi Bonecos do Mundo).

— Meu nome é Antônio Elias da Silva, Saúba dos Bonecos. Eu nasci aqui em Carpina em 1950. Por que botaram meu nome de Saúba? Foi assim: naquele tempo eu era menino e vivia andando, e tinha um homem que tinha um carro de carregar lenha, o nome dele era seu Arlindo, e naquele tempo um homem que tinha um relógio de ouro era rico. Aí esse Arlindo tinha um carro e um relógio de ouro, e foi carregar a lenha em um lugar e foi trazer pra padaria, e eu ia com ele no carro (...) o seu Arlindo tinha aquele relógio de ouro e deixou cair em um formigueiro cheio de saúvas, tava saindo tanajura,

e eu cheguei e vi aquele buraco longo, fundo, e eu digo que vou buscar, mas se buscar era pra ele me dar um dinheiro. Tirei a camisa e desci, e era muita saúva, peguei o relógio e subi, coberto de sangue, porque saúva bate e corta, né? Aquelas cabeças grandes. Aí terminei, um cara chamado Taió olhou pra mim e disse “aí, pode botar o nome dele de saúba, que ele merece ser uma saúba. (...) E o nome ficou Saúba, apesar de que eu nunca gostei. Minha mãe brigou demais. “O nome do meu menino é Toninho, eu não quero ninguém chamando ele de Saúba”.

## Educação

- Uns 9 anos de idade já andava aqui em Carpina, todo mundo gostava de mim, eu era muito inteligente, plantava flores, coentro, levava nas igrejas mas era maloqueiro e não gostava de trabalhar, mamãe me colocava pra estudar e eu também não gostava de estudo, que eu dizia que estudo não me dava nada. Apanhava muito, mamãe me batia, papai também, mas não teve jeito, leitura não entrou na minha cabeça. Eu aprontava muito, às vezes o professor ia lá em casa dizer que eu não podia ir mais pra escola porque bagunçava demais.

Eu jogava arroz no professor, eu queria ser posto pra fora. Hoje eu acho que eu fiz errado.... Andava por tudo quanto é canto, né. Às vezes tomava banho em um açude, só aparecia no outro dia. Mamãe ficava braba, dizendo que menino que ficava andando assim ia virar maloqueiro ou ladrão. E papai dizia que menino é assim mesmo, que eu não queria nada da vida mesmo, mas que não ia dar pra ladrão. E felizmente meu pai tava certo. Então eu vivia nessa...

Brinquedo popular. Série casal na bicicleta. Mestre Saúba. Foto: Peninha.



## A primeira visita...

- O primeiro mamulengo que vi foi em Lagoa do Carro. Quando cheguei lá vi os caras brincando com os bonecos e me perguntando o que era aquilo, e os bonecos brincando, e eu sempre fui daqueles meninos capetas, que mexe em tudo, aí quando olhei eu entrei por baixo da lona. O cara me viu e disse que não podia, mas eu pedi pra ele deixar, vi ele brincando com aquelas coisas. Já tava querendo pegar nas bonecas, quando ele pediu a boneca pra dançar eu já vi qual que era, e ia passando os bonecos pra ele. Aí fiquei por lá com Pedro Rosa, ia lá ver ele fazendo boneco. Buscava pedaço de pau pra ele, ficava de olho vendo ele cortando, até que aprendi alguma coisa. Ele foi meu mestre mas com Pedro Rosa eu nunca me apresentei, que o que eu ia fazer com um cara que já era fera? Era Pedro Rosa e o Bigode, dois feras, o Bigode quando tava brincando com o Simão, o cara olhava e dizia "mas isso é uma pessoa!", o jeito que ele fazia com a mão, as voltas, até pra dançar. Mestre Solon, quando veio morar em Carpina, aí eu já tinha uns pedaços de pau que eu ficava brincando. Aí depois entrou a ideia de boneco na cabeça e ficou até hoje. Já o Solon me chamou pra gente se apresentar aqui na rua, e metade dos bonecos era meu e metade era de Solon. Mas aí só chamavam de Mamulengo do Mestre Saúba, e Solon ficou com raiva e a gente se separou. Não ficamos muito tempo. Não tenho a data, mas comecei com uns 13, 14 anos, a gente brincava de 7 horas da noite até às 11, fazia uma pausa, de 11 até 4, 5 horas da manhã, e ninguém queria sair, umas 300, 400 pessoas. Aqui em Carpina, Machado, Condado. Eu brincava era com Biu Sabide e o Severino Joaquim Pereira; sanfona oito-baixos e triângulo.

## Inspiração

- Eu olhei o motor de um carro e vi assim os pistões e pensei: isso dá uma ideia pra fazer um

bocado de coisa. O primeiro trabalho meu foi um cata-vento que movia os bonecos em uma mesa, depois foi aquela multidão, casa de farinha, cangaceiros, escravidão. Eu queria era comprar um ônibus, colocar os bonecos dentro e sair pelo mundo.

## Filhos e aprendizes

- Além de Bibiu tem o Sílvio que tá trabalhando. Sílvio também brinca (dança) com a boneca. Miro também tem uma boneca muito bonita, mas o rei de brincar com a boneca sou eu. Dançar com a boneca quem inventou fui eu. Nunca tinha visto ninguém dançar com uma boneca, foi uma ideia que tive com um boneco agarrado assim com o outro e pensei que isso dava com uma boneca grande.

## Ferramentas

- As ferramentas são umas faquinhas pequenas. As menores servem para os detalhes, as maiores servem pra madeiras mais pesadas, o bico fino é pra entrar em uma parte menor. Tem umas que eu inventei, com um cabo de guarda-chuva pra fazer os dedos. E tem uma de crina de cavalo que usa pra alisar os bonecos, que até que é fácil de fazer, mas a crina dá um trabalho danado.



## As histórias são os personagens

- Eu que criava as histórias. Mamulengo não tem texto. Você tá com o boneco na mão e ele já diz "faça o meu problema que eu vou subir pra todo mundo ver". Tem as passagens. A mais importante é Mané Pacaru, Dona Quitéria, Simão, e o resto é Simão fazendo uma conversa com Mané Pacaru pra que Simão tome conta da casa dele, e dali Simão toma conta, diz que não dança, não namora, não fuma. Aí chama a esposa de Pacaru, a Dona Quitéria, e Mané vai viajar enquanto Simão toma conta de tudo. O povo fica achando que essa história de botar galho é recente, mas não é não, eu falo a verdade, porque Mané Pacaru vai embora e a Dona Quitéria já vai chamando o Simão pra chamegar. Simão diz que não, que a mulher era muito rica, que tá nervoso, e Simão vai pedir conselho, e falam pro Simão deixar de bobagem e dançar com a mulher. Aí eles tão dançando, a Quitéria dizendo que já tá é pronta,

quando chega Mané Pacaru. Simão tenta dizer que tava só conversando, mas acaba despedido, pega a trouxa debaixo do braço, mas Mané Pacaru no fim muda de ideia, diz que não viu nada, e contrata o Simão. Naqueles tempos atrás a gente brincava com o mamulengo, e quando um boneco brigava com o outro a gente batia com o pé na caixa, e fazia aquele barulhão que todo mundo achava que era uma briga de verdade. E tinha uns sapatos de pneu, fazia uma batida muito grande. Naquele tempo tinha o Fumador, o cara ficava engasgado e tinha que abrir pra tirar. Tinha o Bêbado também. Esses bonecos eu tinha tanta raiva que a prefeitura não pagava as apresentações que eu vendi tudo, vendi tudo pra mulher de Seu Paulo, da Usina Petribu. Hoje eu acho que eu fiz errado, vendi minhas coisas, minhas casas de escravo, casa de farinha, casa de Lampião... Não quero vender tão cedo. Porque fui pra um lugar, que Deus que me mandou lá pra eu nunca mais fazer isso.

Brinquedo popular. Suruba. Mestre Saúba. Foto: Peninha.



## Sobrevivência

- Mamulengo pelo terreiro é muito melhor que em contrato. Eu faço um contrato com uma pessoa dizendo que vou brincar mamulengo na sua casa, e ele dizia venha e o dono da casa ia e contratava todo o pessoal e ia todo mundo lá, todos os cortadores de cana. E aí todo mundo dava um dinheiro. Hoje eu não pego contrato na casa de ninguém, tenho medo. Hoje eu vendo os bonecos, eu faço pra vender... Eu entrego em loja. Boa Viagem, Olinda, na Casa da Cultura, o mercado de São José. Quando viajei pra São Paulo eu dei uma oficina e não vendi boneco porque não tinha pra vender, mas se levar 300 bonecos, 500 bonecos eu vendo tudo. Foi uma oficina no Encontro de Mamulengos, em 2013, na avenida São João, ficou muito bonito. Passei duas semanas

lá. Agora no Rio eu dancei (com a boneca Lindalva) no Circo Voador, e não deu um mês vi na escola de samba todo mundo dançando com as bonecas.

## O futuro

- Eu tô querendo terminar isso aqui. Quero andar. Não era pra vocês me acharem aqui. Era pra vocês me acharem no mundo. Sempre gostei de ficar andando pelo mundo.

Bonecos do Mestre Saúba. Foto: Chico Simões.

